

Guerra do Contestado e ensino de História: sobre os ataques de sertanejos no município de Canoinhas (1914-1916) ¹

*Contestado war and History teaching: about
the countrymen attack in Canoinhas city (1914-1916)*

Eloy Tonon*
Soeli Regina Lima**

RESUMO

Este trabalho tem como foco de estudo os ataques de sertanejos ocorridos no município de Canoinhas (SC), durante a Guerra do Contestado (1914-1916), e o conhecimento desse fato pelos docentes de História do Ensino Fundamental (séries finais) e Ensino Médio de 22 escolas da rede estadual de ensino, dos municípios pertencentes à 26ª Gered/SC, bem como a análise de como vem sendo trabalhada a história regional na disciplina História. Para tal, foram realizadas 12 entrevistas estruturadas, pesquisas bibliográficas, análise do Livro de Tombo da Paróquia Santa Cruz de Canoinhas e do relatório militar de Setembrino de Carvalho. Constatou-se pouco conhecimento por parte dos docentes e a inexistência de pesquisas ou publicações sobre a temática, o que acarreta para o ensino de História o compromisso do desenvolvimento de atividades voltadas à história local e regional. Palavras-chave: história local; ensino de História; Guerra do Contestado.

ABSTRACT

The study focus of this work was the countrymen attacks occurred in the city of Canoinhas (SC), during the Contestado War (1914-1916), and the awareness of the fact by the History teachers in the Fundamental School (final years) and High School, from 22 schools in the state school system, from the cities belonging to the 26th Gered/SC, as well as the analysis of how the regional history has been studied in this context. For that, there were performed 12 structured interviews, bibliographic researches, analysis on the Livro do Tombo from Santa Cruz de Canoinhas Parish and on the military report of Setembrino de Carvalho. It was found the little knowledge of teachers and the inexistence of researches or publications about the theme, what leads to the commitment of developing activities aimed to the local and regional history. Keywords: local history; History teaching; Contestado War.

* Doutor em História, Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), Campus de União da Vitória. União da Vitória, PR, Brasil. eloy_tonon@yahoo.com.br

** Mestre em Geografia, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Docente da Universidade do Contestado (UnC). União da Vitória, PR, Brasil. soelihistoria@gmail.com

Trabalhar com o ensino de História exige ultrapassar o enfoque voltado aos “heróis” nacionais e às datas comemorativas. Esse avanço consiste em um trabalho com a memória histórica pela reconstrução das histórias de vida, por meio de procedimentos que favoreçam a produção do conhecimento. O aluno deve fazer parte desse processo, tendo o professor como mediador e a pesquisa como aliada.

O professor deve exercer o papel de mediador na produção do conhecimento histórico a ser realizada pelos alunos, tendo a pesquisa como eixo norteador do processo. Além de trabalhar com o conhecimento já sistematizado, deve promover o diálogo com memórias e com as vivências dos alunos, usando a documentação histórica, o patrimônio histórico e a história oral.

O trabalho escolar pautado em iniciativa dos alunos, com atividades que extrapolem o espaço de sala de aula, envolve pesquisas significativas, com objetivos predefinidos e aplicação direta junto à sociedade local, e acaba por vincular o ensino de História às experiências cotidianas dos alunos.

A 26ª Gered/Canoinhas/SC, situada na região do Contestado, responde pelos municípios de Canoinhas, Três Barras, Irineópolis, Major Vieira, Bela Vista do Toldo e Porto União. A região, na época da Guerra do Contestado, abrangia os atuais municípios de Major Vieira (Colônia Vieira), Irineópolis (Valões) e Bela Vista do Toldo. Canoinhas foi epicentro da guerra nos anos finais do conflito armado, com presença militar, piquetes de vaqueanos e ataques de sertanejos rebelados.

Constata-se na literatura o destaque dado às batalhas travadas no Irani, em redutos de Caraguatá, Taquaruçu e Santa Maria, sem destaque para os ataques à vila de Canoinhas, ou mesmo à ação dos sertanejos rebelados nos redutos próximos à vila. Procuramos situar Canoinhas nesse cenário buscando reconhecer a importância da história local como possibilidade de trabalho metodológico no ensino de História.

CANOINHAS NA GUERRA DO CONTESTADO

É fundamental trazer à tona a grande movimentação política que transcorria na região do Planalto Norte de Santa Catarina no início do século XX. A região era cobiçada pelos dois estados – Paraná e Santa Catarina –, rica em erva-mate nativa e coberta de pinhais. Nesse espaço constituíram-se piquetes

de vaqueanos, a mando de coronéis e dos dois estados em litígio, objetivando defender seus interesses. Criou-se uma área de forte tensão, violência, usurpações e desmandos. Os crimes faziam parte do cotidiano da população.

No senso comum, afirma-se que a guerra teria ocorrido entre os estados do Paraná e de Santa Catarina. Entre eles transcorreu uma guerra jurídica, que denominamos de “movimento político do Contestado”. Houve, também, o impacto da modernidade na região com a exploração madeireira do capital transnacional, a imigração europeia e a construção da estrada de ferro, alterando as relações econômicas e de trabalho, somando-se à questão de posse de terras e das relações de poder coronelísticas. Todas essas alterações marcaram profundamente o pequeno produtor sertanejo residente na região, criando o cenário propício para a presença do misticismo religioso como saída para as agruras da vida interiorana.

Nesse contexto dá-se o início da guerra, entendida como confronto armado, entre as Forças de Segurança do Paraná e um grupo de sertanejos liderados pelo monge José Maria, tendo como marco inicial a Batalha do Irani, em 22 de outubro de 1912. O movimento, em seus 4 anos de duração (1912-1916), abrangeu uma área de 25 mil a 48 mil quilômetros quadrados, envolvendo um efetivo militar de 8 mil homens somados à participação de mil vaqueanos.² Os sertanejos envolvidos no conflito chegaram a somar em torno de 10 mil homens, distribuídos em redutos.

O combate do Irani, mesmo com poucos mortos foi trágico e repercutiu não apenas localmente. As elites paranaenses e nacionais passaram a “demonizar” os sertanejos, estigmatizando-os como um grupo de fanáticos irracionais, bandidos, malévolos, errantes e vagabundos. O sociólogo Douglas Monteiro em sua obra *Errantes do novo século* (1974) denomina o tempo após o combate de processo de “reencantamento do mundo”, no qual os seguidores de José Maria se estruturaram em irmandades místicas ou redutos, criando laços de solidariedade e significados para uma nova forma de vida. Constituem a irmandade de Taquaruçu, que seria atacada em 29 de dezembro de 1913 por forças catarinenses, tropas federais e vaqueanos. O ataque à comunidade foi chefiado pelo secretário-geral do governo de Santa Catarina, deputado Gustavo Lebon Régis, e as forças oficiais foram dispersas pelos sertanejos. O segundo ataque a Taquaruçu ocorre em 8 de fevereiro de 1914. Lá havia sobretudo mulheres e crianças, pois os homens haviam se transferido para o reduto de

Caraguatá. O ataque foi trágico para os sertanejos. Cerca de 700 homens do Exército somados aos vaqueanos arrasaram o reduto, e mais de 200 casas e a igreja foram destruídas. No dia 9 de março de 1914 acontece o grande ataque ao reduto de Caraguatá, com a vitória dos sertanejos, sob o comando de Maria Rosa. Ao final do mesmo mês, o reduto foi esvaziado, pois o tifo estava dizimando a população.

A partir de 1914, o movimento do Contestado estende sua área de atuação com novos redutos, elegendo-se novos líderes com características aguerridas e com o intuito de expandir o movimento, agregando novos membros, promovendo ataques relâmpagos aos vilarejos e fazendas e “tocaia” nas estradas. Nas proximidades da vila de Canoinhas formaram-se os redutos de resistência de Papudo, Aleixo, Pedra Branca, Bom Sossego e Tavares. No Mapa 1 é possível verificar a localização.

Mapa 1 – Localização dos principais redutos



No contexto histórico da Guerra do Contestado, o município de Canoinhas foi sede da campanha militar, fazendo parte da Linha Norte, assim descrita no relatório de Setembrino de Carvalho:

Linha Norte sob o comando geral do Sr. Coronel Julio Cesar Gomes da Silva, compreendendo os seguintes pontos: Rio Negro – Sede do Comando – 28º Batalhão do 10º RI de São Gabriel; Canoinhas – 29º Batalhão do 10º RI de São Gabriel; Barreiro – 56º Batalhão de Caçadores (de Porto Alegre) e Poço Preto – 30º Batalhão do 10º RI de São Gabriel. (Carvalho, 1916, p.113-114)

O primeiro ataque à vila aconteceu na noite de 14 para 15 de julho de 1914. Nos seus ataques os sertanejos tinham por hábito marcar a presença com gritos de vivas a São Sebastião e São João Maria e de morte aos “peludos”. Nos registros do Livro de Tombo da Paróquia Santa Cruz de Canoinhas o ataque é assim relatado:

Calcula-se que o número de fanáticos comandados pelos bandidos acima citados era de 500. Estavam elles assim commandados: ao Norte por Bonifacio dos Santos, vulgo Papudo, e Ignacio de Lima. Ao Sul por Tobias Lourenço de Souza e Antonio Tavez Junior, vulgo D. Juan da Mão Queimada; ao Oeste por Joaquim Gonçalves de Lima, vulgo Joaquinzinho. Calcula-se que o numero de fanáticos, commandados pelos bandidos acima citados era de 500. Usavam facões e armas diversas. O tiroteio cerrado durou três horas, sendo que as demais descargas eram feitas com pequeno espaço de tempo. As trincheiras mais perseguidas foram as que ficam perto da Pharmacia do Sr Hasse (pois os fanáticos estavam em redor da residência do Vigário), guarnecida pelo Exército, e a da “Água Verde”, guarnecida pela Polícia. As demais trincheiras também pretendiam os fanáticos tomar, o que não conseguiram. As forças quer do Exército, quer da Polícia, bem como os civis estavam dispostos à lucta de qualquer forma e com prazer podemos dizer, não registramos uma só morte, nem ferimento da parte de nossos defensores.

Os fanáticos tiveram algumas baixas e muitos feridos. Duas carretas de propriedade do capitão Bonifácio vieram para carregarem a munição do Exército e da Polícia, que elles estavam convencidos que tomariam. Entretanto foram encontradas as mesmas próximo ao casebre do Papudo, varadas por balas e completamente ensanguentadas, concluindo-se que em lugar de munição conduziram mortos e feridos.

Após o combate também foram encontradas no alto da igreja uma carabina comblain, manchada de sangue, munição e muitas balas e capas deixadas pelos terríveis bandidos, quando em debandada completa.

Na noite de dezessete e manhã do dezoito vieram novamente experimentar as trincheiras do exercito e da Polícia, sendo novamente repelidos, com fortes descargas de “Mauser” e “Comblain”. Os fanáticos, segundo informações e rastros verificados tem seus espiões nos arredores da Villa.

Na noite de dezenove, do alto do morro da igreja foram feitos alguns disparos contra o Exercito, que imediatamente respondeu com uma descarga.

O mesmo deu-se com a trincheira da “Água Verde”, guarnecida pela polícia, que por sua vez se manteve como devia. (Livro de Tombo, 1914, p.15)

Sobre a ação das autoridades locais, “O Major Vieira, superintendente municipal, serviu-se de pequeno contingente do Regimento de Segurança de Santa Catarina, uma unidade de soldados do 16º Batalhão de Infantaria do Exército, e de grande número de vaqueanos civis para resistir à investida, que prosseguiu até o sol raiar” (Machado, 2004, p.252). Fernando Tokarski registra: “um dia após o primeiro ataque efetivo à vila de Canoinhas, o juiz Miletto Tavares da Cunha Barreto fugiu da vila. No dia seguinte, o promotor público Augusto Lustosa Ferreira de Freitas, que assumira há 30 dias, também abandonou o seu cargo” (Tokarski, s.d., p.144). No dia 17, “o prefeito de Canoinhas, Manoel Tomás Vieira, fugiu após os dois primeiros ataques à vila” (p.145).

Diante dos acontecimentos a vila transformou-se numa praça de guerra. Cresce o efetivo militar presente e a população civil começa a abandonar as residências. Além dos ataques à vila os sertanejos investiram na região próxima a Canoinhas:

Revoltosos sob ordem do fazendeiro Aleixo Gonçalves de Lima, realizaram um novo ataque a Três Barras. O principal alvo dos atacantes foi a empresa norte-americana *Southern Brazil Lumber & Colonization Company*. O ataque foi repellido e não teve maiores consequências. Antes, os revoltosos saquearam na localidade dos Pardos, a fazenda do coronel Benvindo Pacheco dos Santos Lima. No mesmo dia, a vila de Santa Cecília também foi atacada pelos revoltosos. (Tokarski, s.d., p.192)

O comandante das forças estacionadas às margens do rio Canoinhas informou que no dia 21 de outubro foram atacados por frente e retaguarda, calculados em torno de 300 homens, dois mortos e de oito a dez que foram conduzidos por eles. Nenhum soldado foi ferido. Foram recolhidas duas

bandeiras e duas armas de fogo e dois facões (Relatório Militar, 21 nov. 1914). No mês de outubro de 1914, a fazenda Santa Leocádia, localizada próximo da Lagoa, na margem esquerda do rio Iguaçu, de propriedade do coronel Arthur de Paula e Souza, foi atacada pelos sertanejos. Sobre o episódio:

Por várias vezes ela foi atacada por pequenos piquetes durante o ano de 1914, que levaram muito gado dali. Em um dos ataques, no mês de junho, conduzido por Gregório de Lima, o filho do fazendeiro foi morto. A fazenda passou a ser guardada, durante alguns meses, por contingentes do Exército, mas acabou abandonada pelo dono ante a crescente ação da Irmandade. O coronel retirou-se para outra fazenda, na margem norte do rio (ao todo, possuía mais de 10 mil alqueires na região), mas no final de setembro a Irmandade de São Sebastião lhe prepara uma espreita. Em uma de suas passagens pela Santa Leocádia, para visitar suas terras, foi executado. Seu corpo foi levado para dentro da suntuosa casa da fazenda e queimado junto com ela. (D'Angelis, 2011, p.78-79)

O Alferes chefe de Polícia Militar, interino, Antonio Marques de Souza, comunicou que no dia 5 de novembro de 1914, Frei Rogério, em companhia de um jovem, tentou apaziguar os fanáticos, sendo recebidos com tiros, fazendo retirada. O episódio se deu nas proximidades da vila, a uns 2,5 quilômetros (Relatório Militar, 21 nov. 1914).

No mês de novembro, os ataques se estendem pelo interior do município e o combate acontece contra as forças militares presentes na região. Pelas 2h30 do dia 8 de novembro, foi o acampamento de Salseiro atacado, do lado da estrada que vai aos Freitas, por grande número de jagunços que se abrigavam nos matos. Foram rechaçados pelo 12º Batalhão de Infantaria, sendo obrigados a bater em retirada. Contaram com apoio dos vaqueanos do Pacheco, nas proximidades do rio Canoinhas (Relatório Militar, 8 nov. 1914).

Em 8 de novembro foram incendiadas várias casas na Colônia Polaca e também cortada a linha telegráfica que fazia ligações com Salseiro, impossibilitando a comunicação. Nesse mesmo dia a vila de Canoinhas foi atacada. Haviam sido distribuídos 211 homens para protegê-la. Às 22h30 iniciou-se o tiroteio, com morte de soldados e do civil João Xavier. É registrada a dificuldade de identificar o número de sertanejos envolvidos pela forma como estavam distribuídos nas colinas, redutos. Pelo fogo usado acreditava-se que houvesse em torno de 300 homens, atacando por três posições diferentes. A

cavalaria militar na vila se estendia do bairro da Água Verde às ribanceiras do rio Canoinhas (Relatório Militar, 8 nov. 1914). No dia 9,

Sob o comando do tenente-coronel Manoel Onofre Muniz Ribeiro, força militar de repressão composta por 1.663 homens, acampada na localidade de Salseiro, no interior de Canoinhas, foi atacada às 2h30min por revoltosos chefiados pelo fazendeiro Aleixo Gonçalves de Lima. O combate durou 50 minutos. O pároco de União da Vitória, padre franciscano Rogério Neuhaus, estava no acampamento. Morreu o soldado Augusto Pereira do Nascimento. Saíram feridos o tenente Artur da Fonseca Araújo e os soldados Antônio Caetano José de Santana, José Antônio dos Santos, José Isaías Monteiro e Teodorico dos Santos, todos transportados por barco até o distrito de Marcílio Dias e daí por trem a Curitiba. Ainda em Salseiro, oficiais redigiram um manifesto, sugerindo a volta da tropa a Canoinhas, ao mesmo tempo que desaconselhavam a continuidade da expedição a Major Vieira e às serrarias de Irineópolis e Timbó Grande. No mesmo dia, sem maiores consequências, a vila de Canoinhas voltou a ser atacada. (Tokarski, s.d., p.227)

O terror estava espalhado entre os moradores locais. A expectativa de novos ataques era visível pela presença militar, policial e civil armada. No dia 10 de novembro são encaminhados 36 homens para a estação de trem de Canoinhas e reforçada a proteção da estação de trem de Três Barras, com 40 praças de polícia (Relatório Militar, 10 nov. 1914).

Em 15 de novembro acontece uma manifestação religiosa na Praça Lauro Muller, “o pároco de União da Vitória, Rogério Neuhaus, rezou missa na Praça Lauro Muller, em Canoinhas, sob acordes da banda de música do 56º Batalhão de Caçador. O ato foi assistido pelo tenente-coronel Manoel Onofre Muniz Ribeiro, comandante da Coluna norte, oficiais e soldados envolvidos no conflito” (Tokarski, s.d., 231).

O perigo se fazia presente no caminho dos transeuntes para o interior da vila. Na manhã do dia 17 de novembro foram encaminhados para a estrada da Paciência 10 praças da cavalaria, 12 civis a cavalo e um pelotão de engenharia, a fim de desalojar os rebeldes da referida estrada. No caminho Pedro Ruivo os avisou que os inimigos haviam fugido, deixando abandonadas cuias cheias de farinha e torresmo. Percorridos alguns quilômetros, Pedro Ruivo avisou, nas proximidades do reduto, sobre o número elevadíssimo de “jagunços”³ que,

presentindo a presença deles, estavam preparando-se para combater. Os militares assumem a posição de combate e inicia-se o tiroteio. As baixas aumentavam. Pela posição dos “bandoleiros”, por seu número superior de homens e a pedido do 25º Batalhão, que só dispunha de uma ambulância para atender aos feridos, decidiu-se fazer uma retirada, trazendo os 15 militares feridos para a vila de Canoinhas. Nesse combate houve o registro de seis militares mortos (Relatório, 8 nov. 1914).

Entre tantos atos de violência, um chama a atenção por sua crueldade. No dia 2 de dezembro de 1914,

Na localidade de Bugres, nas cercanias da vila de Felipe Schmidt, no interior de Canoinhas, 17 homens foram degolados, acusados de contrabandear armas aos revoltosos. Atacados por 45 homens do fazendeiro Manoel Fabrício Vieira, eles foram degolados à beira do rio Iguaçú. O capitão do mato Domingos Correia e Silva comandou a chacina. Entre os mortos estavam o comerciante Jose Lirio Santi, conhecido por “Beppi Liro”, e os lavradores Rufino Teixeira e José Lira. Apenas André da Silva conseguiu fugir a nado. (Tokarski, s.d., p.248)

Em 18 de dezembro de 1914 instalou-se posto telefônico militar na localidade de Paciência, sob ordem do José Willian de Azevedo Falcão, 2º sargento telegrafista. Nas vésperas do Natal de 1914, Canoinhas ainda sofre a ofensiva rebelde. No dia 23,

Revoltosos comandados pelo fazendeiro, Bonifácio José dos Santos, o “Bonifácio Papudo”, e Inácio José de Passos Lima, realizaram o penúltimo ataque efetivo à cidade de Canoinhas. Foram rechaçados por soldados do 16º Batalhão de Infantaria. O combate, que durou 40 minutos, foi desferido a partir da localidade de Boa Vista, onde estava localizada a igreja matriz católica da cidade. Os comandantes do ataque saíram feridos do combate. (Tokarski, s.d., p.263)

Passado o Natal, no dia 26 de dezembro instalou-se um acampamento na Fazenda dos Pardos, com um efetivo de 29 homens do 2º Batalhão de Engenharia e 2ª Companhia. Foi ainda construída uma balsa para atravessar animais e homens, comboio da coluna no rio Canoinhas. O rio estava com 33 metros de largura por 5 de profundidade. Esse mesmo grupo seguiu para o Salseiro no dia 27 de dezembro, onde assistiram ao assalto que ocorreu nas casas que ficavam próximas ao rio dos alemães. No dia 28 construiu-se um

entrincheiramento nos lugares atacados e melhorou-se a estrada que ligava Salseiro a Canoinhas (Relatório Militar, 15 fev. 1915).

Conhecedores da paisagem local, os vaqueanos participavam, ainda, em apoio ao efetivo militar. No acampamento do rio dos Pardos, 13 homens, os melhores de Pedro Ruivo, auxiliaram na proteção desse ponto importante onde se bifurcam as estradas de Timbozinho, Tamanduá, Serra dos Vieiras, Vila Nova do Timbó e Poço Preto, ficando ainda o ponto como base de estabelecimento de víveres e de munição de guerra. Ocorre então o embate do piquete de vaqueanos com os sertanejos rebelados na raiz da serra da Casimira, a 3 quilômetros do acampamento, ficando feridos três animais e um praça. Os soldados saem em perseguição, ficando Carneirinho e mais oito mortos na estrada que vai ao reduto de Santo Antônio. O destacamento ficou acampado, em seguida, na Vila Nova do Timbó, à margem esquerda do rio Bonito, por 3 dias, para poder atacar o reduto de Santo Antônio. Pelas quatro horas do dia 1º, seguiu uma grande força de vaqueanos da gente do Cel. Fabrício, Pedro Ruivo e Leocadio Pacheco, a fim de fazer o reconhecimento das guardas avançadas do reduto de Santo Antônio. Retornaram às 17 horas, após tiroteios com os “jagunços”, matando seis “jagunços” e trazendo um vaqueano ferido do Cel. Fabrício. Em 2 de fevereiro segue uma coluna de 321 praças mais 125 vaqueanos para as proximidades do reduto, com notícias de terem ouvido grande número de jagunços cantando hinos religiosos na proximidade de uma casa. No dia seguinte partiram às 5 horas e foram atacados pelos “jagunços”, ficando na retaguarda. Na entrada do reduto, no vale do Timbozinho, ficaram seis “jagunços” mortos. Foi necessário o uso de metralhadora militar no combate, dada a grande ofensiva. Depois de 11 horas de contínuo combate, conseguiu-se alcançar o faxinal do Timbozinho. No dia 4 adentram no reduto do Tomazinho, que era constituído por três grandes praças situadas em três belas colinas e defendidas por extraordinário número de trincheiras constituídas de imbuias, pinheiros etc., ficando no meio da praça central a igreja com um cruzeiro (Relatório Militar, 15 fev. 1915).

Depois de perto de 2 horas de trabalho de arrasamento, em que tomou parte toda a columna, inclusive officiaes deixamos o formidável ato completamente queimados, o que foi calculado em perto de 500 casas e 98 trincheiras, arrecadando-se ainda dentro das casas 1520 cartuchos de guerra para fuzil “Mauser”, 821 para clavina Winchester, algumas pistolas de fogo central, muitos facões, bandeiras

por eles usadas, instrumentos musicais, viveres, machados, foices e muitos outros artigos sem importância, além de grande quantidade de roupas de homens, mulheres e crianças, tendo a soldadesca soldados e civis se regalado com o grande número de galinhas, patos, marrecos, perus, gansos etc, que levaram para o primeiro acampamento para lá se banquetearem. (Relatório Militar, 15 fev. 1915)

No dia seguinte caminharam pela estrada do Tamanduá, à margem esquerda do rio Timbozinho, até alcançarem a serra do Pinheiro, onde encontraram forte resistência dos “jagunços” do reduto de Pinheiros. Após meia hora de combate conseguiram entrar no reduto. Foram incendiadas 97 casas, uma igreja com um grande cruzeiro e 55 trincheiras. Nesse local foram mortos 15 “jagunços”, recolhidas 18 armas de diversos tipos e grande número de facões e bandeiras. Depois de uma hora de trabalho continuaram em direção ao Reichardt, onde encontraram mais 40 casas que foram também incendiadas. O trajeto foi acompanhado por homens feridos (Relatório Militar, 15 fev. 1915).

Evacuar a vila parecia uma alternativa para os moradores locais. A partir de 25 de julho de 1915, a população volta a abandonar a vila.

Durante 5 dias a população de Canoinhas voltou a abandonar a vila, temerosa pelo recrudescimento dos combates, depois da tentativa do ataque à área urbana, realizada dias antes, através de um piquete comandado por Inácio José dos Passos Lima. Combates e mortes ocorridos no interior do município também contribuíram para intranquilizar os moradores. A situação motivou uma conferência do pároco Menandro Kamps com o governador Felipe Schmidt. (Tokarski, s.d., p.151)

Em 15 de julho de 1915, “Após um ano de paralização dos serviços da comarca de Canoinhas, foi realizada a primeira audiência, presidida pelo Juiz Antônio Selistre de Campos. Pelo Ministério Público atuou o promotor Mário Teixeira Carrilo” (Tokarski, s.d., p.143). No dia 17 de outubro arrasou-se o reduto de Pedra Branca. O reduto-mor do conjunto encontrava-se sediado em Caçador, e Adeodato determina o deslocamento para o vale de Santa Maria, no interior de um desfiladeiro. Para o líder, facilitaria o controle das entradas ao norte e ao sul, mas a escolha não foi das mais felizes, pois criou facilidades para o Exército programar o cerco e sufocar os sertanejos, antes do combate derradeiro. A expedição do general Fernando Setembrino de Carvalho,

comandando 7 mil soldados do Exército, chega junto a forças do regimento catarinense e vaqueanos e realiza o cerco e o combate final ao reduto. Ruiu a maior irmandade mística, Santa Maria, entre os meses de março e abril de 1915.

Com a tomada dos redutos inicia-se a rendição sertaneja. O medo da represália, a fome e a miséria, somados ao recomeçar de uma nova vida, acompanharam esse processo. O processo de rendição foi sendo articulado nos momentos finais da Guerra. A capitulação foi ocorrendo de forma gradativa, como resultado da estratégia militar adotada para vencer o inimigo lentamente pela inanição, impossibilitando o acesso aos víveres necessários. Quanto ao número de sertanejos capturados, podemos ter uma noção conferindo registros militares:

Aos 383 prisioneiros do reducto Itajahy, somavam-se mais de mil e trezentas pessoas apresentadas em Papanduva, S. João e Canoinhas, sem contar a gente de Henrique Wolland (Allemãozinho), de Bonifacio José dos Santos (Bonifacio Papudo), Estanislaw Schumann, Guilherme Helmich e Francisco José Carneiro (Carneirinho), que chefiavam bandos numerosos e se apresentavam com pequenos intervallos, na Linha Norte, ao tenente-coronel Onofre. (Carvalho, 1916, p.89)

Queiroz registra sobre a rendição no mês de janeiro de 1915:

Neste mês processaram-se as rendições em massa em várias localidades, particularmente na frente Norte. Em Papanduva entregaram-se 300 revoltosos que não suportavam mais as condições de guerra sertaneja. Em Rio Negro apresentaram-se 65 pessoas que se haviam internado no mato desde o início do movimento. Só em Canoinhas sujeitaram-se nada menos que 243 famílias. No município de Lages depuseram armas 528 indivíduos, provenientes da área do Serrito e de Campo Belo. Dentro de Campos Novos, 40 jagunços puseram-se à mercê dos vaqueanos. Ao todo, calculou-se que no decorrer do mês, 3 mil antigos jagunços rojaram a frente no pó. (Queiroz, 1966, p.217)

Auras (1997) relata que Setembrino de Carvalho e seus soldados, no assalto ao reduto de Antônio Tavares, acompanhados de mais de uma centena de vaqueanos, quando se aproximam do reduto sem serem vistos, na véspera do dia marcado, cerca de 400 caboclos de todas as idades, conduzidos por

Pedro Nepomuceno, apresentaram-se aos comandantes do efetivo policial que atacaria o reduto.

A rendição dos últimos sertanejos se dá em janeiro de 1916. A fase final da guerra ficou conhecida como “açougue”, “gravata vermelha” – degola. Muitos sertanejos que se renderam foram presos, outros, degolados, e alguns se dispersaram novamente.

No término da Guerra do Contestado os vínculos familiares foram rompendo-se, ora com a morte, ora com a transferência dos sertanejos para outras regiões. A realidade dos sertanejos é assim descrita no Livro de Tombo da Paróquia Santa Cruz de Canoinhas (1914, p.24): “Homens, mulheres, crianças e famílias em completos estágios de mendicidade, entravam nesta Villa como uma tropa dispersa implorando perdão. Compaixão para esses infelizes a quem a fatal destruição contagiou”.

Diante do exposto, fica evidente que a “luta pela existência” de certos grupos sociais na região de Canoinhas tornou-se acentuada, com demonstrações de “sobrevivência do mais capaz”, marcando profundamente a vida dos moradores locais e mesmo de seus descendentes. Registramos a triste lembrança do mais prolongado movimento político associado a uma sangrenta guerra de extermínio de sertanejos em nome de uma bandeira positivista, a qual traria a ordem e o progresso, enfim a modernidade nas fronteiras do Contestado. A ordem e a modernidade foram impostas por meio de ações bélicas dos representantes das forças legais, provocando o morticínio de sertanejos que sobreviviam da extração da erva-mate, pequenas serrarias e agricultura de subsistência, amparados na religiosidade popular e na solidariedade. As fronteiras que lhes pertenciam foram ocupadas por empresas colonizadoras, multinacionais, que promoveram a fixação de imigrantes europeus e do capital industrial com a rapina da madeira.

MEMÓRIA LOCAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

A preocupação em desenvolver nos alunos o hábito da pesquisa deve ser uma realidade presente no espaço escolar. Observa-se a falta de interesse dos professores de Ensino Fundamental e Médio em trabalhar com a construção do conhecimento por meio de pesquisa, onde “A pesquisa é sempre uma tentativa de investigação que se faz com objetivos definidos de descoberta ou

reavaliação e que envolve a dimensão intelectual-racional da problemática e das escolhas e a dimensão intuitiva e criativa que permite a chegada a um dado novo” (Félix, 1988, p.70).

Seguindo essa linha de pensamento em relação ao ensino de História, o uso do estudo do meio, da história local (Manique; Proença, 1994; Nora, 1993) e da história oral (Thompson, 1992; Bosi, 1994; Alberti, 1990) passa a ser uma alternativa para trabalhar a história contextualizando passado e presente. O uso do museu nesses estudos permite aos alunos estabelecerem relações com a realidade circundante pelo contato com diferentes tipos de documentos.

As dificuldades quanto à questão de temporalidade no ensino de História podem ser superadas quando o aluno se percebe sujeito do processo histórico, estabelecendo diferentes relações entre passado e presente. Em relação ao tempo histórico, as pesquisas devem ser organizadas de forma problematizadora, contextualizando passado e presente em constante interrogação com o objeto de estudo.

Trabalhar com história local requer por parte do professor certa delimitação das fontes a serem investigadas ou mesmo da forma como elas serão analisadas. Há a opção pelas fontes históricas escritas e orais. No que concerne às fontes orais, deverão pautar-se na investigação comparada com as escritas. A memória pode ser trabalhada de forma individual ou coletiva.

Em relação à memória coletiva, Silva (2009, p.276), afirma que seria aquela “composta pelas lembranças vividas pelo indivíduo ou que lhe foram repassadas, mas que não lhe pertencem somente, e são entendidas como propriedade de uma comunidade, um grupo”. Ela se desenvolve a partir de laços de convivência familiares e sociais. Essa recordação familiar é transformada pelas vicissitudes da evolução de seus membros que acrescentam, unificam, diferenciam.

Ainda sobre a memória coletiva, esta gira quase sempre em torno do cotidiano social, fundamentando a própria identidade do grupo ou comunidade. Quanto à memória individual, pode-se afirmar que seja um ponto de vista sobre a coletiva. As recordações pessoais são pessoais somente na medida em que o indivíduo se localizou num ponto em que foi possível ser atravessado por correntes de um pensamento coletivo que formou uma configuração de maior complexidade para desvendar suas origens para a maioria das outras pessoas (Albuquerque Júnior, 2007).

As memórias individuais e coletivas são interdependentes, e uma se explica pela outra: “A memória individual apenas serve para dar sentido às situações sociais, convém supor atenção prevalente à memória grupal, que, contudo, é sempre filtrada pelas narrativas pessoais” (Meihy, 2002, p.61).

A história oral está envolvida com questões de memória humana e tornou-se hegemônica, levando a que as pesquisas desenvolvidas nas décadas de 1980 e 1990 seguissem sobretudo o modelo de entrevistas: “A entrevista significa realmente duas pessoas que estão se olhando. E é nesse olhar-se um ao outro que a fonte oral se justifica, porque constitui um processo de aprendizado” (Vilanova, 1994, p.47). A entrevista é transformada em fonte histórica, porque é gravada e transforma os diálogos em um ato científico.

Ainda que muitos se valham do conceito de História oral para qualquer forma de entrevista, modernamente ela só é assim considerada se decorrente de um projeto que reconheça sua intenção e determine os procedimentos e a devolução pública dos resultados (Meihy, 2002).

Por meio da entrevista, os alunos não apenas revivem os fatos históricos sob o ponto de vista do entrevistado, como também desvendam os pormenores, detalhes do cotidiano que estão impossibilitados de serem visualizados em fontes escritas. A história oral é um “completar” lacunas criadas na análise documental. As dificuldades na questão de temporalidade no ensino de História podem ser superadas quando o aluno percebe-se sujeito do processo histórico, estabelecendo diferentes relações entre passado e presente por meio da história oral.

Para que o professor penetre no campo da memória histórica ele deve fazer a história do tempo presente, ou seja, trabalhar com os regimes de historicidades, aqueles em que passado, presente e futuro se entrecruzam. Na dialética temporal os acontecimentos vão sendo decifrados e podemos analisar a sociedade, entre outras formas, por meio da história local. O mundo vivido por determinados sujeitos pode revelar muito mais que experiências pessoais, vai além, apontando as articulações entre público e privado, do particular para o coletivo, das dependências, das consequências dos sistemas econômicos, sociais e culturais das sociedades. Nesse contexto de análise histórica, quando produzida em sala de aula, o estudo da história local é uma possibilidade de dar valor significativo ao objeto investigado.

CONHECIMENTO DOS DOCENTES DE HISTÓRIA SOBRE CANOINHAS (SC) NA GUERRA DO CONTESTADO

A presente pesquisa tem como aporte metodológico uma abordagem qualitativa, articulando dois procedimentos: investigação/interpretação/análise e produção escrita dos resultados obtidos. A primeira etapa consistiu em uma ampla revisão bibliográfica e documental sobre a temática. O segundo momento consistiu na realização de entrevistas estruturadas com professores de História do Ensino Fundamental (séries finais) e do Ensino Médio que atuaram, no ano de 2015, em 22 escolas pertencentes à 26ª Gerred de Canoinhas (SC).

O roteiro de entrevista foi elaborado no decorrer da pesquisa com questões voltadas à Guerra do Contestado e ao Ensino de História. As entrevistas foram realizadas nas unidades de ensino, por intermédio da 26ª Gerred/Canoinhas. Coletaram-se informações referentes à habilitação profissional dos docentes; suas fontes de conhecimentos sobre a Guerra do Contestado; seu conhecimento referente aos redutos e ataques dos sertanejos rebelados no município de Canoinhas; o conhecimento acerca de fontes locais capazes de revelar a memória histórica; locais de memória do Contestado na região para onde possam ser encaminhados os alunos nas aulas de História; dificuldades e possibilidade do trabalho com a Guerra do Contestado vinculado à história local.

Os 12 docentes que responderam ao questionário localizam-se nas cidades de Porto União, Canoinhas, Três Barras e Irineópolis. Sua faixa etária estava entre 39 e 55 anos, e apenas um deles tinha 28 anos. Dos 12 professores, quatro nasceram no município em que atuam e seis passaram a residir ali ainda crianças. Ministram aulas nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio.

Quanto à habilitação profissional, 10 têm graduação em História, um graduação em História e Geografia, e um em Geografia. Na Tabela 1 é possível identificar o nível de especialização dos docentes.

Tabela 1 – Docentes e sua especialização

Docentes	Nível de especialização Pós-Graduação
2	História social – Fafuv
1	História e sociedade – UFPG
1	História, filosofia, geografia e sociologia – Facinter
1	História geral e do Brasil – Fafuv
1	História do Brasil – RJ
1	Metodologia do ensino de história – SP
1	História – Universidade de São Carlos, SP
1	História da sociedade brasileira – Unespar
1	Não tem especialização
1	História do Brasil – Fafuv

Fonte: Entrevista realizada com docentes de História da 26ª Gered/Canoinhas.

Dos 12 professores entrevistados, um tem mestrado na área de Geografia (UFPR) e especialização em História do Brasil (Fafuv).

Sobre a forma como adquiriram conhecimentos históricos acerca da Guerra do Contestado, obtivemos as respostas reunidas na Tabela 2.

Tabela 2 – Fonte de conhecimentos

9	Na universidade
2	Em cursos de capacitação
1	Outros: estudando em pesquisas
1	Outros: em leituras e palestras
2	Outros: em livros

Fonte: Entrevista realizada com docentes de História da 26ª Gered/Canoinhas.

Observa-se a necessidade de capacitação docente referente ao tema da Guerra do Contestado. Apenas um docente citou o item “palestras”. Acredita-se que um estudo sistematizado com os docentes poderá disseminar o interesse pela história regional, o que viria a enriquecer o trabalho em sala de aula.

Sobre os ataques dos sertanejos rebelados na região de Canoinhas, 10 professores têm conhecimento sobre o assunto e 2 sabem que ocorreu, mas desconhecem os detalhes. Identificar os conflitos ocasionados entre moradores locais e sertanejos rebelados possibilitaria reconhecer os conflitos envolvendo as relações de poder local no que concerne aos conflitos de posse de terras, cargos políticos, abuso de poder por parte dos vaqueanos e a forma como a população local reagiu à guerra.

No que se refere aos redutos localizados nos municípios pertencentes à 26ª Gered/Canoinhas, 10 conhecem os fatos vivenciados nesses redutos, 2 sabem que existiram, mas desconhecem sua história. A localização desses redutos e o estudo da sua ocupação, organização, vida cotidiana e destruição contribuiriam para a identificação das permanências e mudanças históricas, possibilitando avaliar a forma como a história é construída e transmitida às gerações futuras.

Sobre o processo de rendição dos sertanejos rebelados no município de Canoinhas, 7 têm conhecimento do assunto e 4 sabem que ocorreu, mas desconhecem detalhes. O conhecimento sobre o processo de rendição com o uso dos documentos históricos revela o porquê do “silêncio” da história local, os “medos” construídos em torno do poder vigente. A forma como a “limpeza” foi praticada na região criou a história dos vencedores. Trazer à tona o processo de rendição é dar voz aos excluídos da história oficial.

Na questão da presença militar em Canoinhas durante a Guerra do Contestado, 5 têm conhecimento do assunto, 6 sabem que a vila serviu de base militar mas desconhecem os detalhes históricos, e um não respondeu. Servindo de base militar, muitas foram as transformações na região de Canoinhas, nos aspectos econômicos e sociais. Os alunos poderiam identificar a área ocupada; as mudanças de hábitos sociais (presença nas atividades festivas, namoros, casamentos, mortes, conflitos com moradores locais); econômicos (consumo alimentar, arrendamento de áreas para o gado, aumento populacional, comércio); culturais (novos recursos no setor da saúde, comunicação, transporte).

Quanto aos relatos de descendentes sobre o período da Guerra do Contestado, 8 professores conhecem histórias de moradores locais e 4 conhecem histórias de moradores de outros municípios. Sobre o conhecimento de moradores de outras localidades, apenas um professor relatou ter trabalhado em Irineópolis, fazendo o levantamento histórico sobre o assunto. A história oral

poderia ser usada mediante entrevistas com descendentes de sertanejos que lutaram por seus direitos, ou mesmo da elite local (grandes proprietários de terras, políticos locais) que combateram as minorias excluídas da modernidade imposta.

Na análise sobre o estudo do meio como recurso metodológico, 10 professores têm conhecimento de lugares para visitar, um desconhece, e um conhece lugares de outros municípios. Relatou-se que “Em Irineópolis o movimento foi bastante forte, houve inclusive enfrentamentos, em Poço Preto, o acampamento militar, Estação Ferroviária – hoje desativada”. Diante da gama de eventos históricos ocorridos nesses municípios, fica evidente que o recurso do estudo do meio poderia ser usado como metodologia de ensino. Observa-se a necessidade de mapeamento dos lugares, organização de roteiros de visitação, divulgação aos docentes. São inúmeras as grutas de devotos do monge João Maria; há o patrimônio da serraria *Lumber*, mantido pelo Campo de Instrução Marechal Hermes (CIMH), em Três Barras; as localidades dos redutos; monumentos erigidos em torno de personalidades envolvidas no conflito, com nomes de ruas e praças que merecem uma análise histórica da sua participação no conflito.

Na aplicação de conteúdo em sala de aula obtivemos as respostas reunidas na Tabela 3.

Tabela 3 – Aplicação dos conteúdos em sala de aula

9	Trabalho os conteúdos nas séries em que são trabalhados os movimentos sociais da República Velha.
1	Quando trabalho a história local.
1	Na semana do aniversário de Porto União.
1	Nas séries onde trabalho não tem esse conteúdo.

Fonte: Entrevista realizada com docentes de História da 26ª Gered/Canoinhas.

Tratando das dificuldades em trabalhar o conteúdo da Guerra do Contestado em sala de aula, 2 docentes não responderam, e dos demais obtivemos estas respostas:

- Não existem dificuldades.
- Há falta de informação nos livros didáticos e também materiais didáticos para se utilizar.
- Faltam materiais didáticos nas escolas para trabalhar com os alunos o assunto. Os livros trazem pouco conteúdo.
- Nos livros didáticos, pouco conteúdo. Encontrei umas apostilas muito boas na Prefeitura com episódios dos combates em Canoinhas, tem todas as informações referentes às perguntas acima.
- Gosto do que se refere à Guerra do Contestado, inclusive apresentamos, em 2014, um teatro com os alunos do 3º ano do Ensino Médio.
- Falta de fotocópias na escola. Falta de apoio na sala de informática.
- Não vejo dificuldade, aqui em Porto União era o desembarque na estação ferroviária das tropas militares, acredito que esta foi a principal participação de Porto União neste acontecimento.
- Trabalham-se os movimentos sociais como Canudos; Contestado muito rapidamente, quando se fala do Messianismo nesta época histórica no Brasil.
- Creio que até algum tempo atrás havia reduzida quantidade de material, como trabalhos científicos etc. Atualmente há várias pesquisas envolvendo esta temática.

Verifica-se uma riqueza de fontes documentais sobre a Guerra do Contestado, como correspondências (governo, militares, sertanejos), fotografias, mapas, canções, quadrinhas, romances, matéria de época publicada nos jornais, processos crimes que poderiam ser trabalhados em sala de aula e não estão à disposição dos docentes. As dificuldades de ordem cotidiana nas escolas públicas brasileiras se fazem presentes no discurso docente, como a falta de fotocópias. Percebe-se a necessidade da produção de materiais sobre o movimento do Contestado que sejam acessíveis ao Ensino Fundamental (séries finais) e ao Ensino Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se na realização desta pesquisa uma gama de documentações sobre a região de Canoinhas durante o período da Guerra do Contestado, mas os docentes não têm acesso a elas ou mesmo conhecimento. Relatórios militares; Livro de Tombo da Paróquia de Canoinhas; matérias de cunho jornalístico; correspondências; listagem dos sujeitos no processo de rendição e daqueles que lutaram como vaqueanos; as localidades em que ocorreram conflitos armados e fazem parte da paisagem local; o patrimônio histórico da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, pertencente ao Campo de Instrução Marechal Hermes (CIMH), localizado em Três Barras; grutas e cruzeiros venerados pelos devotos do monge João Maria, muito têm a contribuir para a produção do conhecimento histórico em sala de aula.

Inexistem pesquisas ou publicações sobre a região de Canoinhas na Guerra do Contestado que possam subsidiar as aulas de História. Constatou-se a necessidade do trabalho com história oral como metodologia no ensino de História, visto que o registro da memória dos antepassados é uma forma de trabalho com a identidade histórica local.

A análise documental expôs a linguagem tanto de militares como das matérias jornalísticas que denominavam os sertanejos de “bandoleiros”, “jagunços” e “fanáticos”, criando estereótipos que se repetiram ao longo dos anos na produção historiográfica e literária. A violência praticada na região foi intensa. O medo e a miséria criaram o silêncio dos vencidos. Muitos dos descendentes dos sertanejos rebelados preferem omitir as lembranças do passado como forma de preservar a imagem de seus familiares. Aos poucos o silêncio vem sendo rompido e as memórias revelam o passado daqueles que lutaram contra a exploração do sistema econômico, social e político vigente.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1990.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. de. *História: a arte de inventar o passado: ensaios de teoria da História*. Bauru, SP: Edusc, 2007.

- AURAS, Marli. *Guerra do Contestado: a organização da irmandade cabocla*. 3.ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 1997.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 6.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CARVALHO, General Setembrino de. *Relatório da Campanha do Contestado, 1915*. Rio de Janeiro: Imprensa Militar, 1916.
- D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. *A República dos coronéis contra a irmandade de São Sebastião*. Campinas, SP: Ed. Curt Nimuendaju, 2011.
- FÉLIX, Loiva O. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo, RS: Ed. UPF, 1998.
- LIVRO DE TOMBO. Canoinhas, SC: Paróquia Santa Cruz, 1914.
- MACHADO, Paulo P. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2004.
- MANIQUE, A. P.; PROENÇA, M. C. *Didática da História, Patrimônio e História Local*. Lisboa: Texto Ed., 1994.
- MEIHY, José Carlos S. B. *Manual de história oral*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MONTEIRO, Douglas T. *Os errantes do novo século*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo: PUC, n.10, 1993.
- QUEIROZ, Maurício V. de Q. *Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado, 1912-1916*. 3.ed. São Paulo: Ática, 1966.
- RELATÓRIO MILITAR. Do Major Comandante do 16º Batalhão de Infantaria e da Praça Militar de Canoinhas ao Coronel Manoel Onofre Muniz de Ribeiro, 10 nov. 1914. Arquivo Exército. Caixa 12.
- RELATÓRIO MILITAR. Do Comandante Luiz Antunes Vieira, do 57º Batalhão de Caçadores – 1ª Companhia ao Senhor Capitão Fiscal em 21 nov. 1914. Arquivo Exército. Caixa 12.
- RELATÓRIO MILITAR. Do Capitão Tertuliano Albuquerque Potiguara ao Coronel Manoel Onofre Muniz de Ribeiro, da Coluna Norte, 15 fev. 1915. Arquivo Exército. Caixa 12.
- RELATÓRIO MILITAR. Do Comandante do 2º Batalhão de Engenharia ao Coronel Manoel Onofre Muniz de Ribeiro, da Coluna Móvel 31 nov. 1914. Arquivo Exército. Caixa 12.
- RELATÓRIO MILITAR. De Leopoldo Itacoatira de Lima, do Acampamento Militar de Salseiros, ao Tenente Coronel Manoel Onofre Muniz de Ribeiro, da Coluna Norte, 8 nov. 1914. Arquivo Exército. Caixa 12.

SILVA, Kalina V.; SILVA, Maciel H. Dicionário de conceitos históricos. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOKARSKI, Fernando. *Cronografia do Contestado*: apontamentos históricos da região do Contestado e do Sul do Paraná. Florianópolis: Ioesc, s.d.

VILANOVA, Mercedes. Pensar a subjetividade: estatísticas e fontes orais. In: MORAES, Marieta de M. *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim; Finep, 1994.

NOTAS

¹ Esta pesquisa teve financiamento da Fapesc.

² De acordo com informações do relatório de Setembrino de Carvalho (1916), cerca de mil vaqueanos atuaram no conflito nos anos de 1914 e 1915. O Capitão Potiguara, em seu relatório, registra no ataque ao reduto de Santa Maria a presença de cem vaqueanos comandados por Leocádio Pacheco, Pedro Ruivo, Pedro Pacheco e Bonifácio Massanera.

³ Jagunços e bandoleiros eram expressões usadas nos relatórios militares para designar os sertanejos que participavam do movimento do Contestado.